

Educação para o trabalho: indícios de compartilhamento de intenções para o exercício profissional

Data de submissão: 15/09/2025

Data de publicação: 29/05/2026

Hemilyn da Silva Meneguete¹

Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Londrina, Paraná, Brasil

Sergio de Mello Arruda²

Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Londrina, Paraná, Brasil

Marinez Meneghello Passos³

Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Londrina, Paraná, Brasil

Resumo: Este artigo, proveniente dos resultados de uma pesquisa, destinou-se a apresentar a análise de um questionário, respondido por um sujeito que exerce seu trabalho profissional por meio da utilização de conhecimentos da Educação Informal. A partir deste contexto, o objetivo da investigação foi identificar indícios de compartilhamento de intenções em situações de Educação para o trabalho. Nesta pesquisa, contamos com a fundamentação teórica pautada nos pressupostos da Educação para o trabalho que foi identificada no contexto de Educação Informal. Contamos com oito questões que buscavam evidenciar aproximações acerca da Teoria de Intencionalidade em relação à Educação para o trabalho. Para a análise dos dados, contamos com os pressupostos da Análise de Conteúdo. Os resultados aproximaram-se das concepções abordadas, possibilitando a evidência de indícios de compartilhamento de intenções para o exercício profissional que constroem a cognição do sujeito no exercício do trabalho como técnico de informática. As análises realizadas permitiram a elaboração de duas categorias e algumas subcategorias: Categoria C1 denominada por – Incentivo que move o sujeito para assimilação da dimensão do conteúdo, composta por duas Subcategorias: Vivências Pessoais (Sc1.1) e Experimentação Tecnológica (Sc1.2); Categoria C2 – Dimensão da interação desse processo de aprendizagem com uma comunidade, composta por duas Subcategorias: Espaços Virtuais (Sc2.1) e Empreendedorismo (Sc2.2). Com base nos resultados obtidos, aproximamos as propostas discutidas para o ambiente educativo informal relacionado à Educação para o trabalho, tendo por base teórica a Intencionalidade.

Palavras-chave: Intencionalidade. Educação Informal. Educação para o trabalho.

Education for work: evidence of shared intentions for professional practice

Abstract: This article, resulting from a research study, aimed to present the analysis of a questionnaire answered by a subject who performs their professional work using knowledge from Informal Education. From this context, the objective of the investigation was to

1 Doutoranda do programa de Ensino de Ciências e Educação Matemática

2 Docente Sênior da Universidade Estadual de Londrina

3 Docente Sênior da Universidade Estadual de Londrina

identify evidence of shared intentions in situations of Education for work. In this research, we relied on the theoretical foundation based on the assumptions of Education for work that were identified in the context of Informal Education. We had eight questions that sought to highlight approximations regarding the Theory of Intentionality in relation to Education for work. For the data analysis, we relied on the assumptions of Content Analysis. The results were close to the conceptions addressed, allowing the highlighting of evidence of shared intentions for professional practice that build the subject's cognition in the exercise of work as an IT technician. The analyses carried out allowed for the elaboration of two categories and some subcategories: Category C1 – Incentive that motivates the subject to assimilate the content dimension, composed of two subcategories: Personal Experiences (Sc1.1) and Technological Experimentation (Sc1.2); Category C2 – Dimension of the interaction of this learning process with a community, composed of two subcategories: Virtual Spaces (Sc2.1) and Entrepreneurship (Sc2.2). Based on the results obtained, we approximated the proposals discussed to the informal educational environment related to Education for Work, based on the theoretical framework of Intentionality.

Keywords: Intentionality. Informal education. Education for work.

1. INTRODUÇÃO

Por meio desta pesquisa buscamos compreender o que concerne ao contexto da Educação para o trabalho constituído pela intencionalidade do sujeito quando atua profissionalmente. A partir de um referencial preestabelecido, investigamos indícios de compartilhamento de intenções em situações ocorridas no ambiente de trabalho e que se estruturam pela utilização de conhecimentos estabelecidos pela Educação Informal.

Para fundamentar nossa investigação pautamo-nos em Meneguete (2023), que adaptou as percepções de Intencionalidade, tendo em vista Tomasello (2014) para o contexto educativo em uma investigação, cujos participantes foram professores de Ciências, e em Arruda *et al.* (2015), que procuram compreender a aprendizagem informal de trabalhadores da construção civil e de técnicos em conserto de refrigeradores. Na primeira proposta, ou seja, em Meneguete (2023), o participante é assumido como um sujeito intencional, que por meio de seu Plano de Ação e Objetivo constrói sua intenção atuando em sala de aula. Na segunda proposta, ou seja, em Arruda *et al.* (2015, p. 263), “os saberes construídos pelos sujeitos são constituídos como um conjunto de representações, a partir das quais eles interpretam, compreendem e resolvem os problemas de sua prática cotidiana”.

Além do exposto no parágrafo anterior, também assumimos que o sujeito é um ser racional munido de razão, que perpassa pela própria cognição humana. A Intencionalidade é formulada socialmente, isto é, pelas pessoas ou grupos sociais que cercam o sujeito durante sua vida e que porventura contribuem com o estabelecimento de suas percepções, vinculadas a uma Educação Informal, e na escola, quando este entorno social é constituído por grupos repletos de saberes estabelecidos pela Educação Formal. Segundo Tomasello (2014), a Intencionalidade – de dentro e de fora da escola – é compartilhada em uma segunda etapa evolutiva proposta pelo autor, fazendo com que os sujeitos da escola cada vez mais ampliem sua capacidade cognitiva.

Tendo em vista esse referencial apresentado, consideramos que há conformidade entre a Intencionalidade proposta por Tomasello (2014) e o contexto da Educação para o trabalho, pois o sujeito também pode se utilizar da Educação Informal para qualquer atividade, e essa proposta educacional está marcada pela racionalidade, que se remete aos grupos sociais que constroem formas de pensar para a resolução de atividade, pois constantemente compartilham intenções para solucionar objetivos específicos. Ou seja, o processo da racionalidade é construído em conjunto com o outro, os valores, as metas, as percepções do que é importante são constantemente ressignificadas pelas pessoas que agem em colaboração.

Considerando o que apresentamos até o momento e dando ênfase à importância da Educação para o trabalho, objetivamos, ao desenvolver esta investigação, identificar indícios de compartilhamento de intenções em situações vivenciadas por um participante da pesquisa que exercia seu trabalho como técnico de informática no Estado do Paraná. Para tal, contamos com oito questões que buscavam evidenciar aproximações acerca da Teoria de Intencionalidade em relação à Educação para o trabalho, cujas habilidades profissionais foram edificadas em contexto de Educação Informal.

Na próxima seção apresentamos alguns aspectos da Educação para o trabalho, procurando contextualizar a temática. Posteriormente, discorreremos sobre a Intencionalidade tendo em vista a atuação profissional do pesquisado e os depoimentos apresentados por ele, que foram organizados e interpretados segundo as orientações analíticas da Análise de Conteúdo.

2. EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO: ALGUMAS PERSPECTIVAS

A definição de Educação para o trabalho se faz necessária tendo em vista os dados apresentados neste artigo, e, por esta razão, vale considerar que ela faz parte de uma Educação como prática social que envolve três vertentes: Formal, Não Formal e Informal. A primeira – Educação Formal – amparada por toda instituição de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. A segunda – Educação Não Formal – instituída conforme o ambiente em que o sujeito frequenta e da maneira como ela a vivencia, sem a preocupação necessariamente das instituições em ensinarem ou declararem uma formação cultural. A terceira – Educação Informal – marcada pela não sistematização dos conhecimentos, ou o não contato com as instituições de ensino (Delorenzi, 2019).

Creemos que todas essas vertentes educacionais estão voltadas para o desenvolvimento integral do sujeito na produção de saberes e no estabelecimento de sua cidadania. Todavia, optamos por dar ênfase, durante o movimento de pesquisa, à Educação Informal, pois ela nos remete com maior apropriação aos dados coletados e a como o participante entrevistado descreveu sua trajetória de Educação para o trabalho e seu exercício profissional.

Em conformidade com a proposta da Educação Informal, a aprendizagem na Educação para o Trabalho é uma configuração desta vertente educacional que une as compreensões em forma de resolução de problemas de sua prática cotidiana com os saberes de suas experiências para sua prática profissional (Arruda *et al.*, 2015).

Adotamos como definição que a Educação para o trabalho é uma temática relevante para a investigação acerca da aprendizagem, pois ela é uma aprendizagem desenvolvida ao longo da vida do sujeito e realizada por sua escolha espontânea (Arruda *et al.*, 2015). O conceito de aprendizagem aqui definido diz respeito à dimensão do incentivo que move o sujeito para assimilação da dimensão do conteúdo e que desencadeia a dimensão da interação desse processo de aprendizagem com uma comunidade (Arruda *et al.*, 2015).

A aprendizagem em qualquer tipo de trabalho é diferente da aprendizagem executada no ambiente formal de aprendizagem. O desenvolvimento das habilidades no local de trabalho está relacionado a uma gama de inter-relações entre teorias, práticas, procedimentos, sistematizações, experiências, entre outros universos de saberes (Billett, 2001).

As experiências de um sujeito em seu ambiente de trabalho moldam uma aprendizagem guiada por um foco, suas práticas conduzem para o objetivo almejado (Billett, 2001). Ou seja, por meio das interações entre os conhecimentos, crenças, cultura e o ambiente no trabalho, as pessoas estabelecem cognições, criam e compartilham seus saberes.

Vale ressaltar a importância do trabalho para o desenvolvimento da aprendizagem, pois “O local de trabalho é onde aprendemos as habilidades e capacidades necessárias para fazer um trabalho produtivo e, no processo, ganhamos a renda de que precisamos para sustentar nossas vidas” (Dierking, 2005, p. 148). Assim, é no trabalho que as pessoas estabelecem sua conexão com a Ciência de uma maneira singular, recriando saberes por meio de sua existência.

De acordo com Dierking (2005), as pessoas que não estão na escola, mas que estão sedentas por conhecimentos a respeito de alguma Ciência da qual necessitam, normalmente buscam em livros ou na *internet*. A partir disso, ressaltamos essa percepção de que os diferentes meios de comunicação, como os livros e a *internet*, são elementos imprescindíveis para a aprendizagem informal, quando observada segundo seus inúmeros aspectos (teórico, prático, processual, sistêmico, experiencial, entre outros).

Ainda no que diz respeito à aprendizagem do sujeito para exercer seu trabalho, bem como executar suas tarefas, os seres humanos recorrem aos seus conhecimentos de vida que foram sendo estabelecidos de acordo com suas singularidades (Arruda *et al.*, 2015), que são constituídas e desenvolvidas nos grupos de que fazem parte ou a que se submetem e que, por conseguinte, estabelecem sua visão de mundo (Tomasello, 2014).

Diante dessas perspectivas, aproximamo-nos da Teoria de Intencionalidade e adotamos o conceito de Intencionalidade para investigar uma situação de Educação para o trabalho, cujos conhecimentos profissionais foram estabelecidos em processos de aprendizagem em configuração de Educação Informal.

Na continuidade do artigo, organizamos uma seção em que integramos a Teoria de Intencionalidade com o que consideramos, anteriormente, para a Educação para o trabalho, sempre buscando alinhar os referenciais com os dados coletados.

3. INTENCIONALIDADE E EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO: POSSÍVEL APROXIMAÇÃO

Iniciamos esta seção em defesa da nossa causa: aproximar Intencionalidade da Educação para o trabalho, por isso definir Intencionalidade na (ou, vinculando-a à) Educação para o trabalho se faz necessário, considerando que essa proposição de Educação envolve um interesse do sujeito por ambientes não regulamentados de criações e reinvenções de conhecimento (Arruda *et al.*, 2015), ou seja, há uma razão (escolha) do sujeito para que ele se submeta a isso, a esse ambiente de aprendizagem.

Tomasello (2014) orienta para o reconhecimento e as implicações de situações em que há uma Intencionalidade, que é o processo cognitivo humano formado ao longo dos tempos e se designa por conta da cultura e outros fatores que deram origem à evolução da humanidade, no que diz respeito ao sistema cognitivo, que se tornou superior à dos outros animais.

O principal do conceito ao se pensar na terminologia da Intencionalidade é o estado cognitivo e consciente, que biologicamente o faz pensar e refletir de forma crítica sobre o universo (Quaresma, 2020). Além disso, a Intencionalidade pode ser defendida como uma maneira racional dirigida pela consciência (Guilhermino, 2021).

A estruturação dessa racionalidade é uma maneira de produção durante toda a vida, ela é fundamentada pelos grupos ou pelo entorno social a que o sujeito tem acesso durante a vida e isso vai constituindo suas percepções acerca dos fenômenos vivenciados (Tomasello, 2014). Os grupos são quaisquer conjuntos (de pessoas e de saberes) que compartilham percepções, entre eles: os sociais (em geral), os escolares, os religiosos, os amigos, as comunidades, as famílias, entre outros conjuntos que constroem e determinam valores e percepções próprias que são compartilhadas por aquele conjunto (de pessoas ou de saberes) (Tomasello, 2014). Diante disso, compreendemos que esse compartilhamento também pode ser realizado com a utilização de ferramentas remotas, objetos, entre outros meios de comunicação que objetivam o compartilhamento de um saber determinado.

Trazendo essas argumentações para o âmbito da nossa investigação, a Intencionalidade do sujeito não é estabelecida por um ou outro grupo, mas é a inserção do sujeito no mundo, fazendo com que ele tenha contato com todos esses grupos, e por meio desse compartilhamento integrado ele vai formando e afirmando constantemente seu entendimento (Tomasello, 2014).

Hoje, ‘vivemos na era da tecnologia’, da *internet*, das redes sociais, dos canais de comunicação de transmissão de saberes e outros meios (não relacionados por nós). Tais situações permitem que grupos diversos (do mundo inteiro) tenham contato de forma acessível, fato que possibilita maior conexão entre os sujeitos. Por conta dessa atualidade, Tomasello (2014) considera que, atualmente, ainda vivemos na segunda etapa evolutiva, porém nós a vivemos diante de um ‘novo’ movimento, o “histórico tecnológico”, que ele denomina por Intencionalidade Compartilhada.

A Intencionalidade Compartilhada se estabelece hoje pela facilidade de acesso entre o sujeito e os grupos que o cercam e dos quais ele faz parte, estruturando cada vez mais uma racionalidade da cognição humana diversa e marcada por inúmeras influências mundiais que estão em constante movimento de transformação (Tomasello, 2014). Esse compartilhamento oportuniza a evolução e o amadurecimento das percepções formadas coletivamente (Meneguete, 2023).

Desta forma, como vimos até aqui, a Educação para o trabalho é uma aprendizagem estabelecida ao longo da vida do sujeito e escolhida de forma livre (Arruda *et al.*, 2015). Isso sustenta a perspectiva que adotamos sobre a Intencionalidade e sua aproximação com a Educação para o trabalho, constituindo o sujeito aprendiz como um ser intencional movido pela racionalidade fundada por grupos, no que diz respeito à estruturação e elaboração dos seus conhecimentos. O sujeito que trabalha e faz uso da Educação para o trabalho, com a finalidade do estabelecimento de seu aprendizado, compartilha suas percepções com os grupos em diferentes dimensões que constroem seus saberes necessários para o exercício profissional.

Possuindo essas aproximações teóricas, na próxima seção utilizamos ‘essas lentes’ para analisar o material coletado, buscando pelos indícios de compartilhamento de intenções em situações de Educação para o trabalho, explicitando os caminhos metodológicos trilhados.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário (respondido por meio da gravação de áudio, denominado anteriormente por entrevista) para um sujeito no ano de 2023, no segundo semestre, que exercia seu trabalho como proprietário e técnico de uma loja de informática localizada no Estado do Paraná. Ele não possuía formação sistematizada ou formal na área profissional de atuação, e por conta desse perfil identificado inicialmente, procuramos evidenciar indícios de compartilhamento de intenções em situações laborais e que poderiam estar relacionadas aos grupos sociais de que fazia parte ou tinha acesso, que dariam suporte aos seus procedimentos cognitivos para o seu exercício profissional.

O questionário foi estruturado em duas partes, a primeira buscou indicar o perfil do sujeito investigado, e assim foram direcionadas perguntas relacionadas a caracterizar esse perfil, como: idade, razão para a escolha da profissão, sobre seus empregos, sua formação escolar, sua formação profissional e as atividades atuais que desenvolvia. Os relatos provenientes das respostas obtidas foram importantes para conhecer as singularidades deste participante da pesquisa e realizar os próximos encaminhamentos investigativos.

A segunda parte dos questionamentos tem relação com a proposição analítica e, por sua vez, foi idealizada por meio de perguntas as quais buscavam a identificação de indícios de compartilhamento de intenções em situações de Educação para o trabalho e da remissão aos grupos que contribuíram para este exercício profissional.

No Quadro 1 registramos as perguntas apresentadas ao depoente e que foram analisadas para a composição deste artigo. Diversas outras perguntas, de cunho pessoal ou esclarecedor, não foram utilizadas neste momento da pesquisa.

Quadro 1 – Questionamentos selecionados para análise

Questão 1	Conte-nos como foi ou é sua trajetória escolar. Como você se vê nesse processo? Explique com exemplos e comentários.
Questão 2	Conte-nos sobre sua trajetória profissional. Como conseguiu exercer essa função de técnico de informática? Explique com exemplos e comentários.
Questão 3	Como você aprendeu e/ou aprende os saberes suficientes para exercer sua profissão de técnico de informática? Explique com exemplos e comentários.
Questão 4	Você teve alguma dificuldade ou enfrentou algum desafio para a compreensão e/ou elaboração das atividades no seu dia a dia? Explique com exemplos e comentários.
Questão 5	Você tem algum procedimento para acompanhar (monitorar) seu processo de aprendizagem? Se sim, explique com exemplos e comentários.
Questão 6	Relembrando sobre sua vida, o que dela você considera que utiliza para exercer sua profissão de técnico de informática? Explique com exemplos e comentários.
Questão 7	Você sente necessidade de alguma formação? Se sim, qual ou quais? Explique com exemplos e comentários.
Questão 8	De que forma você soluciona os problemas em seu trabalho, quando eles lhes são apresentados ou surgem no dia a dia profissional? Explique com exemplos e comentários.

Fonte: os autores, 2025

As respostas a esses oito questionamentos foram selecionadas, transformadas em frases e codificadas, constituindo, assim, o *corpus* de pesquisa que contribuiu com a sistematização deste artigo.

Para análise dos dados tomamos como pressupostos as inspirações propostas pela Análise de Conteúdo (Bardin, 2011, p. 44), a qual pode ser definida como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens”. Para sua realização a autora sugere que se realize algumas etapas, assim relacionadas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados.

Durante a pré-análise realiza-se uma leitura flutuante dos dados, de modo a perceber o que de fato se tem em mãos. Foi a partir desse movimento que se levou em consideração todos os excertos provenientes das respostas dadas pelo participante da pesquisa para as oito questões relacionadas no Quadro 1. Isso ocorreu por compreendermos que a descrição, em sua integralidade, foi importante para que houvesse coerência na instauração dos indícios de compartilhamento de intenções que o pesquisado havia elaborado com os grupos que fizeram parte de sua trajetória de vida e constituíram suas percepções.

Na exploração do material os excertos foram transcritos, transformados em unidades de análise por meio de frases e códigos, os quais deram origem ao processo de unitarização. Para a Questão 1, foram organizadas e interpretadas três unidades de análise; para a Questão 2, vinte e três unidades de análise; para a Questão 3, três unidades de análise; para a Questão 4, três unidades de análise; para a Questão 5, uma unidade de análise; para a Questão 6, duas unidades de análise; para a Questão 7, uma unidade de análise; para a Questão 8, duas unidades de análise, totalizando 38 excertos.

A codificação sistematizada foi composta por números e letras. O código Q1F1 à Frase de número 1 para a Questão 1, sendo que as frases foram numeradas na ordem em que foram ‘faladas’ pelo participante, o que facilita sua localização no discurso elaborado por ele.

Posteriormente, realizamos a categorização das unidades de análise, buscando o agrupamento dos elementos semelhantes de forma *a priori* e emergente, conforme a caracterização das informações coletadas.

As análises realizadas permitiram a elaboração de duas categorias e quatro subcategorias: Categoria C1 denominada por – Incentivo que move o sujeito para assimilação da dimensão do conteúdo, composta por duas Subcategorias: Vivências Pessoais (Sc1.1) e Experimentação Tecnológica (Sc1.2); Categoria C2 – Dimensão da interação desse processo de aprendizagem com uma comunidade, composta por duas Subcategorias: Espaços Virtuais (Sc2.1) e Empreendedorismo (Sc2.2).

Por fim, realizamos a inferência diante dos processos analíticos que se referem aos dados coletados. No caso desta investigação, as principais percepções discutidas correspondem à proposta teórica de Tomasello acerca da Intencionalidade, juntamente com a Educação para o trabalho.

Na próxima seção apresentamos os resultados, segundo as perspectivas teóricas assumidas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como já indicamos, foram apresentados ao participante da pesquisa diversos questionamentos relativos a ele próprio, sua formação e profissão. Resumidamente, elencamos algumas informações sobre ele: na ocasião da pesquisa tinha 25 anos e era proprietário de uma loja de informática, em que atuava na gestão do negócio e como técnico de informática. Afirmou que escolheu a profissão por gostar da área de tecnologia e que possuía uma formação em gestão comercial. Destacou que para a gestão do seu negócio amparava-se nos conhecimentos aprendidos durante o período que cursou a faculdade; porém, no que diz respeito à área de informática, seu repertório profissional foi elaborado e desenvolvido a partir de formações e informações não sistematizadas e das próprias experiências construídas ao longo dos anos.

Com relação à segunda parte dos questionamentos, em que buscamos pelos indícios de compartilhamento de intenções em situações de Educação para o trabalho, organizamos nossas interpretações em dois Quadros, nos quais elencamos as Categorias C1 e C2 e as Subcategorias Sc1.1, Sc1.2, Sc2.1 e Sc2.2 (duas referentes a cada uma das Categorias).

Os Quadros 2 e 3 foram organizados considerando C1 e C2 e suas Subcategorias. Na primeira linha de cada Quadro nominamos e descrevemos as Categorias que foram assumidas *a priori* com base nos resultados de pesquisas de Arruda *et al.* (2015), devido à sua definição de dimensões para a fundamentação da Educação para o trabalho, e sua justificativa emergente das percepções encontradas, conforme nosso foco de pesquisa. Na segunda linha dos Quadros estruturamos 3 colunas e em cada uma delas foram elencadas as Subcategorias referentes àquela Categoria, os Excertos nelas inseridos e algumas Descrições das Subcategorias.

Quadro 2 – Categoria C1 e suas Subcategorias (Sc1.1 e Sc1.2)

C1 – Incentivo que move o sujeito para assimilação da dimensão do conteúdo (Arruda et al., 2015) ⁴		Descrição das Subcategorias
Subcategorias	Excertos	
Sc1.1 – Vivências Pessoais	<p>(Q1F1) Até o Ensino Médio passei por muitas escolas (ao menos 12 escolas diferentes), devido a mudanças de cidades e problemas pessoais.</p> <p>(Q1F2) Nunca reprovei e não senti dificuldades com o conteúdo.</p> <p>(Q1F3) Logo que sai do Ensino Médio utilizando a nota do Enem entrei no curso de Análise e desenvolvimento de sistemas na UTFPR Ponta Grossa, mas devido ao falecimento do meu pai logo no primeiro semestre voltei para a cidade de Londrina e não existia a possibilidade de transferência, então fiz o Enem novamente e consegui uma bolsa de 100% para cursar Gestão Comercial (Área que estava me despertando interesse) na Pitágoras/Unopar Londrina, essa concluí e foi o período mais estável que tive em relação aos estudos formatos.</p> <p>(Q2F3) Lembro, inclusive, eu não sei ao certo que idade, eu me lembro que eu tinha um carrinho, e eu achei uma chave em casa e desmontei esse carrinho e tentei montar de novo, desde pequeno sempre fui muito “fução” de pegar as coisas e desmontar e mexer e tentar montar de novo.</p> <p>(Q2F5) Meu pai morava em uma cidade a cerca de 300 Km, para nos comunicarmos com maior facilidade ele me deu um celular quando eu tinha 9 anos de idade.</p>	<p>Aqui estão os discursos relacionados aos acontecimentos de vida do sujeito, no que tange à sua própria singularidade.</p>
Sc1.2 – Experimentação Tecnológica	<p>(Q2F1) Quando pequeno por volta dos 5 ou 6 anos de idade, eu me recordo que os adultos já me pediam para configurarem os seus celulares, configurar um toque, mensagens, esses tipos de coisas, e eu aproveitava para ficar jogando joguinhos também.</p> <p>(Q2F2) Tinham essa certa confiança, pois eu jogava no celular da minha mãe aqueles bem antigos de tela verde e eu gostava de ouvir aqueles toques de celular, e volta e meia eu trocava esses toques de chamada dela, e com isso ela viu que eu sabia fazer, e com os adultos em volta quando perguntavam alguma coisa sobre isso ela dizia que eu fazia.</p> <p>(Q2F4) Gosto de informática e novas tecnologias desde pequeno, sempre que possível estava interagindo com computadores e celulares.</p> <p>(Q2F6) Era um celular bem simples, daqueles com tela verde da Nokia.</p> <p>(Q2F7) Após cerca de um ano ganhei um novo celular, esse já com tela colorida, câmera, e acesso à internet 2G, esse celular teve um papel bem importante em minha trajetória, pois foi o primeiro aparelho que tive que, acessava internet e isso me deu uma liberdade gigante comparado ao anterior.</p> <p>(Q2F8) Logo aprendi a baixar os mais diversos jogos e músicas através dele, na época não era tão simples como hoje, era necessário encontrar a versão correta do aplicativo, do contrário ele não funcionaria corretamente no celular.</p> <p>(Q2F9) Por volta dos 12 anos de idade ganhei meu primeiro computador, mas ainda não tinha acesso à internet, comprei um jogo de computador no camelódromo da cidade, porém mesmo após dias tentando instalar aquele jogo não consegui, foi quando um amigo da minha mãe veio até nossa casa e o instalou.</p> <p>(Q2F10) Observei todo o processo e após alguns dias desinstalei o jogo só para testar se dessa vez conseguia instalá-lo, e após algumas tentativas consegui.</p> <p>(Q2F11) Com isso já me sentia preparado para comprar mais jogos e instalá-los, e foi o que fiz.</p>	<p>Aqui estão os discursos referentes às primeiras experiências do sujeito com o universo tecnológico e suas práticas iniciais dentro desse ambiente.</p>

Fonte: os autores, 2025

⁴ Em C1 foram agrupados todos os fragmentos que dizem respeito ao contexto familiar e à construção do processo cognitivo do sujeito relativo à temática da informática.

Quanto ao que organizamos no Quadro 2, referente à C1 – Incentivo que move o sujeito para assimilação da dimensão do conteúdo – fica evidente que nela tem-se elencado os elementos que constroem a intencionalidade e a racionalidade do sujeito, que por sua vez converge para a formação do conhecimento humano, conforme indica Tomasello (2014).

Verifica-se, com facilidade, que os excertos, nela alocados, correspondem ao início das experiências de vida relacionados à informática, bem como elementos outros que marcaram a história do sujeito.

Em Sc1.1 – Vivências Pessoais – trouxemos os elementos que caracterizam a história do sujeito e os acontecimentos vivenciados e lembrados durante seu relato, entre eles destacamos: (Q1F1); (Q1F2); (Q1F3); (Q2F5). Além disso, inserimos um excerto (Q2F3) em que ele discorre sobre sua personalidade e forma de agir desde a infância.

Em Sc1.2 – Experimentação Tecnológica – tem-se as manifestações sobre suas percepções e experimentações no que tange às tecnologias existentes nos celulares, que podem ser recuperadas em (Q2F1); (Q2F2); (Q2F6); (Q2F7); (Q2F8). E, posteriormente, nos computadores, como os excertos (Q2F9); (Q2F10); (Q2F11) comprovam. Em (Q2F4) ele destaca que sempre se manteve ‘desde pequeno’ envolvido com as diversas experiências tecnológicas promovidas por celulares e computadores.

Tais resultados interpretativos remetem-nos ao primeiro indício de compartilhamento de intenções, que ocorreu em função dos grupos em que estava inserido e de que participava socialmente.

No Quadro 3, dedicamo-nos à C2 e suas duas Subcategorias, organizadas da mesma forma que no Quadro 2, em que trouxemos as informações sobre C1.

Quadro 3 – Categoria C2 e suas Subcategorias (Sc2.1 e Sc2.2)

C2 – Dimensão da interação desse processo de aprendizagem com uma comunidade (Arruda et al., 2015) ⁵		Descrição das Subcategorias
Subcategorias	Excertos	
Sc2.1 – Espaços Virtuais	<p>(Q2F12) Após cerca de quase um ano tive meu primeiro acesso à internet no computador (um modem 3G com limite de dados), nesse momento eu estava no céu, pois foi aí que descobri o mundo de possibilidades na internet e instalar jogos deixaram de ser um desafio, como meu computador nessa época tinha uma configuração fraca e não suportava os jogos que eu queria jogar, meu novo desafio se tornou otimizar ele ao máximo para conseguir extrair o máximo de desempenho sem gastar.</p> <p>(Q2F13) Foi o meu foco durante algumas semanas, aprendi a fazer “Overlock”, desinstalar aplicações da raiz do sistema, gerenciar configurações de energia do sistema, trabalhar com resoluções reduzidas e mais algumas coisas que não vou me lembrar nesse momento.</p> <p>(Q2F14) Tudo isso para extrair de 10% a 20% de desempenho em algumas aplicações específicas.</p> <p>(Q2F15) Com o passar do tempo descobri que apenas as otimizações não eram o suficiente para alcançar o desempenho que eu queria para os jogos.</p> <p>(Q2F16) Então comecei a pesquisar sobre o que poderia ser feito e foi aí que comecei a entrar no mundo de hardware, pois eu precisava de uma placa de vídeo.</p> <p>(Q3F1) Para acumular a experiência que tenho hoje foi através de tentativas, erros e acertos sempre acompanhados de muita pesquisa em fóruns e vídeos na internet (de usuários com mesmo problema).</p> <p>(Q3F2) A parte que considero mais difícil é aprender a identificar o que é um conteúdo que pode se aplicar ao problema que preciso resolver e o que não faz sentido para aquele problema.</p> <p>(Q3F3) Algo que faço quase todos os dias é acompanhar diversos canais de tecnologia, dessa forma me adianto de possíveis problemas que possam acontecer a equipamentos de clientes, dessa forma acontecem casos em que após a avaliação inicial de algum equipamento com defeito eu já anexo isso a algo que vi ou ouvi e isso facilita muito na resolução do problema.</p> <p>(Q4F1) Todos os dias, e eu adoro isso, pois são os desafios que me impulsionam para aprender mais.</p> <p>(Q4F2) Quando chega algum equipamento que não consigo resolver, me debruço sobre aquele problema para poder aprender mais e resolver com maior facilidade outros equipamentos que apresentem problemas parecidos.</p> <p>(Q4F3) Sem o desafio o serviço se torna maçante.</p> <p>(Q5F1) Não, mas considero todos acertos e erros como aprendizagem.</p> <p>(Q6F1) Todo o conhecimento e experiência adquirido de todas as formas possíveis.</p> <p>(Q6F2) Acredito que nenhum tipo de conhecimento é inválido desde que resolva problemas.</p> <p>(Q7F1) Apesar de importante, não sinto a necessidade de nenhuma formação, acredito que o conhecimento está sendo difundido o bastante na internet, se você sabe onde e como pesquisar você terá seu problema resolvido.</p> <p>(Q8F1) Quando consigo identificar o problema (através da experiência), e já sei como resolver, apenas aplico o conhecimento e o resolvo.</p> <p>(Q8F2) Já quando é um problema novo pesquiso em fóruns e vídeos pessoas que tiveram um problema parecido, quando a solução não está na publicação ou vídeo em si é bem comum encontrar outros usuários que deixaram soluções que funcionaram nos casos deles, a partir disso faço uma análise baseada em minha experiência para aplicar ou não aquele método ao meu problema.</p>	<p>Aqui estão os discursos relacionados ao compartilhamento da cognição do sujeito com os ambientes virtuais de aprendizagem marcados pela Educação Informal.</p>

⁵ Em C2 foram agrupados todos os fragmentos que dizem respeito à utilização da racionalidade com os processos da Educação para o trabalho, para as resoluções de problemas dentro de comunidades.

C2 – Dimensão da interação desse processo de aprendizagem com uma comunidade (Arruda et al., 2015) ⁵		Descrição das Subcategorias
Subcategorias	Excertos	
Sc2.2 – Empreendedorismo	<p>(Q2F17) Para conseguir comprar esse item, que na época era bem caro, pensei em começar a trabalhar e foi então que entrei para um curso de aprendizagem industrial no SENAI, alguns meses depois já fazia um estágio remunerado e logo no primeiro salário comprei a tão sonhada placa de vídeo, daí em diante quase todo dinheiro que eu ganhava era destinado a melhorias de hardware em meu computador.</p> <p>(Q2F18) Quando eu tinha cerca de 16/17 comecei a perceber alguns anúncios na internet pessoas que vendiam seus equipamentos em preços que eu considerava abaixo do que realmente valiam, foi aí que vi uma oportunidade de ganhar dinheiro, comprando com um valor abaixo e revendendo.</p> <p>(Q2F19) Isso começou como um passatempo e com o passar do tempo foi ganhando força e tornando uma das minhas principais fontes de renda.</p> <p>(Q2F20) Quando tinha 21 anos de idade me apliquei para uma vaga de técnico de informática em uma empresa tradicional de Londrina, durante a entrevista mencionei que tinha experiência comprando computadores com e sem defeito para consertar quando necessário e revender. Fui chamado a título de experiência, fiquei cerca de dois anos na empresa, primeiro como técnico externo, cerca de 6 meses depois fui promovido a técnico interno, e posteriormente absorvi também a parte comercial, ficando responsável pelo setor de compras e vendas da empresa.</p> <p>(Q2F21) Quando percebi que já tinha absorvido experiência o suficiente do que precisava para abrir minha própria loja pedi demissão, pois essa era a intenção desde que entrei.</p> <p>(Q2F22) Minha primeira tentativa de abrir a loja foi utilizando um quarto vazio da minha casa como escritório, entretanto não consegui fazer com que a loja tivesse fluxo suficiente para se manter dessa forma.</p> <p>(Q2F23) Trabalhei mais alguns meses como motorista de aplicativo até que apareceu a oportunidade de um ponto comercial mais bem localizado e com um aluguel acessível, reabri a loja e atualmente tenho um faturamento cerca de 5 vezes maior do que na primeira tentativa, atualmente estou há 4 meses com a loja aberta nesse novo formato.</p>	<p>Aqui estão os discursos referentes ao compartilhamento da cognição do sujeito com as percepções próximas à temática da Educação Informal, no que tange a conceitos pertencentes ao empreendedorismo.</p>

Fonte: os autores, 2025

Com relação ao que organizamos no Quadro 3, que considera C2 – Dimensão da interação desse processo de aprendizagem com uma comunidade – também estabelecida *a priori*, em função do que nos apresentam Arruda *et al.* (2015) em seus resultados investigativos. Ao retomarmos as descrições e os excertos, fica evidente que C2 determina-se a partir do compartilhamento de percepções relativas à Educação para o trabalho por meio de duas comunidades, instituídas por diversos grupos sociais, relacionadas ao seu ambiente profissional. Fato que lembra Tomasello (2014), quando delimita que existe o compartilhamento da intencionalidade na atualidade. Esse processo envolve a interação do sujeito com o outro e com o mundo, e, a partir disso, seu modo cognitivo fica cada vez mais desenvolvido.

Em Sc2.1 – Espaços Virtuais – organizamos elementos que se assemelham pelo compartilhamento do sujeito com ambientes informais de aprendizagens relativos aos *Softwares* (Q2F12); (Q2F13); (Q2F14) e aos *Hardwares* (Q2F16); (Q4F2). Além disso, encontramos excertos que descrevem suas reflexões diante de seu contato com esses ambientes e o compartilhamento de sua intencionalidade marcada por essas influências, que justificam as ações para o exercício de seu trabalho (Q2F15); (Q3F1); (Q3F2); (Q3F3); (Q4F1); (Q4F3); (Q5F1); (Q6F1); (Q6F2); (Q7F1); (Q8F1); (Q8F2). Os excertos, cujos códigos foram inseridos neste parágrafo, ilustram os resultados que apresentamos e as construções argumentativas que nele inserimos. Isso será realizado no próximo parágrafo com relação à segunda Subcategoria de C2.

Em Sc2.2 – Empreendedorismo – temos declarações de percepções compartilhadas relacionadas às experiências empreendedoras que o levaram a ‘conquistar’ objetos (Q2F17); (Q2F18); (Q2F19) e à realização profissional (Q2F21); (Q2F20); (Q2F22); (Q2F23).

Tais fatos remetem-nos a outros indícios de compartilhamento de intenções, agora convergentes e distribuídos, segundo o entendimento do depoente, nos possíveis ambientes de aprendizagem frequentados por ele e que não possuíam relação com a escola, propriamente dita, mas com a Educação Informal para o seu exercício profissional.

Desta forma, vinculamos todos os aspectos analisados tendo em vista a Educação Informal, pois é o que fundamenta a Educação para o trabalho, proporcionando a aprendizagem do sujeito, de acordo com as experiências que ele vivencia em sua comunidade (Arruda *et al.*, 2015). Por essa razão, ao olharmos para o nosso foco de pesquisa, aproximamos essas percepções do que nos apresenta Tomasello (2014), quando define Intencionalidade, considerando os grupos a que a pessoa pertence ou com os quais dialoga ou acessa, já que para que haja o estabelecimento do compartilhamento dos saberes de um sujeito, necessariamente envolve uma comunidade, que no caso desta investigação trata-se do compartilhamento com ele próprio e suas singularidades pessoais e os grupos de que participava ou acessava para consultar.

Pautando-nos no referencial assumido, destacamos sobre a importância do aprendizado, conforme apareceu em nossos resultados de pesquisa: a utilização da tecnologia como fator de auxílio, segundo as necessidades referentes à aprendizagem do sujeito pesquisado.

A explosão da Internet e da World Wide Web fornece um testemunho significativo do valor percebido de ter uma ferramenta prontamente acessível que pode fornecer virtualmente a qualquer pessoa, em qualquer lugar, qualquer informação, a qualquer hora. A Web, no entanto, é apenas um aspecto de uma rede de recursos de aprendizagem em constante expansão e, esperançosamente, melhorando, disponível ao público em geral (Dierking, 2005, p. 152).

Deste modo, compreendemos que a tecnologia, em todas as instâncias, contribui por meio de sua infraestrutura nos compartilhamentos de grupos digitais ou não, que formam comunidades de saberes a respeito de diferentes temas que contribuem para as necessidades do sujeito em seu exercício do trabalho. Assim, findamos nossa análise dos elementos divulgados, e na próxima seção elaboramos as considerações finais para o movimento de pesquisa realizado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando nosso objetivo da investigação, apresentado desde o resumo do artigo: identificar indícios de compartilhamento de intenções em situações de Educação para o trabalho. E, esclarecendo que, para o atingir, questionamos uma pessoa sobre suas singularidades, processo escolar, formativo e profissionalizante, interpretando seus relatos, que nos conduziram a quatro Subcategorias emergentes e duas Categorias estabelecidas *a priori*, em função dos referenciais assumidos para o desenvolvimento investigativo. Trazemos as conclusões a que chegamos.

A partir dos resultados os indícios de compartilhamento de intenções, podem ser assim sistematizados: os incentivos que movem o sujeito para assimilação da dimensão do conteúdo, no caso analisado, têm relação intrínseca com suas vivências pessoais e com a experimentação tecnológica que perpassou sua vida desde a infância; os processos interativos de aprendizagem com uma comunidade, para o sujeito em questão, convergem para os espaços virtuais do que fazia parte ou frequentava esporadicamente e o viés empreendedor que assumiu, inclusive em sua formação acadêmica, por própria escolha.

Além do exposto, damos voz também para o caso analisado, a formação informal que realizou, ao longo de toda a vida, que no momento da pesquisa remetia ao período da infância até os 25 anos completos que possuía.

As Categorias e Subcategorias, explicitadas nos Quadros 2 e 3, retratam nominalmente esses indícios de compartilhamento: C1 – Incentivo que move o sujeito para assimilação da dimensão do conteúdo, composta por duas Subcategorias: Vivências Pessoais (Sc1.1) e Experimentação Tecnológica (Sc1.2); C2 – Dimensão da interação desse processo de aprendizagem com uma comunidade, composta por duas Subcategorias: Espaços Virtuais (Sc2.1) e Empreendedorismo (Sc2.2). Os excertos, por conseguinte, trazem as relações de grupos e com os grupos vivenciadas e lembradas pelo entrevistado; são eles: familiares, profissionais, consultivos e formativos (formais e informais). Talvez, condicionados pelo perfil profissional do sujeito

investigado e pelo espaço temporal em que viveu e conviveu, vive e convive. Quiçá, em outra atuação profissional tais indícios de compartilhamento pudessem ser alterados ou reconstruídos.

A partir destes resultados, aproximamos as concepções elaboradas em nossa fundamentação e percebemos quais são os grupos a que um sujeito se submete durante a vida que constrói e reconstrói sua cognição, e isso é fundamental na Educação Informal para a experiência no trabalho, pois ao se sujeitar em ambientes, os quais visam de alguma forma o ensino e a aprendizagem, possibilita mecanismos de compartilhamento de intencionalidades e isso amplia cada vez mais no conhecimento, estimulando cada vez mais o desenvolvimento da racionalidade.

Assim, respondemos nosso objetivo de pesquisa e identificamos indícios de dois grupos compartilhados dentro das duas Categorias e Subcategorias evidenciadas, que possibilitaram a construção cognitiva do sujeito para a execução de seu trabalho. E por fim, diante do exposto até aqui, levantamos uma questão: Como poderiam ser categorizadas as intenções compartilhadas entre os grupos? Assim, deixamos em aberto essa questão, de modo a possibilitar o avanço para a inspiração de futuras pesquisas a respeito da Intencionalidade.

7. REFERÊNCIAS

ARRUDA, S. M.; PASSOS, M. M.; ANDRADE, E. C.; PIRATELO, M. V. M. Aprendizagem científica no trabalho. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 263-277, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/2175-7941.2015v32n1p263>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BILLET, S. **Learning in the workplace: strategies for effective practice**. Austrália: Allen & Unwin, 2001.

DELORENZI, K. A. P. Formação discente: educação formal, não formal e informal. **Revista mais educação**, São Caetano do Sul, v. 2, n. 5, p. 634-639, 2019. Disponível em: <https://www.revistamaiseduacao.com/ArtigosV2N5JUL2019/56>. Acesso em: 25 jun. 2025.

DIERKING, L. D. Lessons without limit: how free-choice learning is transforming science and technology education. **História, Ciências e Saúde**, Manguinhos, v. 12 (supplement), p. 145-160, 2005.

GUILHERMINO, D. Teoria da Intencionalidade Revisada: Gurwitsch Leitor de Husserl. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 180-191, 2021. Disponível em: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/122>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MENEGUETE, H. S. **Um estudo acerca da intencionalidade da ação docente em aulas de Ciências do Ensino Fundamental**. 2023. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

QUARESMA, A. Inteligência artificial e o problema da intencionalidade. **Paakat**: Revista de Tecnología y Sociedad, Guadalajara, v. 10, n. 18, e403, p. 1-26, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4990/499063350008/html/>. Acesso em: 8 mar. 2025.

TOMASELLO, M. **A natural history of human thinking**. Cambridge: Harvard University Press, 2014.